

**ENAN
PUR** 2023
Belém 22 a 26 de maio



O papel das mulheres e suas representações: Revista Brasília 1957 a 1963¹

ALIAGA FUENTES, Maribel

Universidade de Brasília

CARNAÚBA, Ana Elisa

Universidade de Brasília

BOMTEMPO, Byanca

Universidade de Brasília

Sessão Temática 06: Cidade, história e identidade cultural

Resumo. Esta pesquisa se debruçou sobre representações do feminino veiculadas na Revista Brasília, tanto nos textos como nas imagens por ela publicadas. Sabemos que a construção da capital é contada como um processo heróico, de valorosos e valentes candangos, porém, através da revista podemos entender como ocorreu o processo de invisibilização das mulheres no contexto de construção e consolidação da capital. Discutimos neste trabalho qual foi o papel da mulher no periódico em estudo, realizando um panorama geral das mulheres que estiveram presentes nos artigos e fotografias publicados nos anos de sua divulgação. Para delimitar o recorte temporal, selecionamos os números publicados no intervalo de 1957 a 1963 de modo a investigar como foi retratada a mulher e compreender o seu papel na capital federal do Brasil nos anos 60.

Palavras-chave. Revista Brasília; mulheres; representações; invisibilidade.

The role of women in the representations of the Revista Brasília 1957 to 1963

Abstract. This research focused on representations of the feminine conveyed in Revista Brasília, both in the texts and in the images published by it. We know that the construction of the capital is told as a heroic process, of brave and valiant candangos, however, through the magazine we can understand how the process of invisibility of women occurred in the context of construction and consolidation of the capital. We discuss in this work what was the role of women in the journal under study, making an overview of the women who were present in the articles and photographs published in the years of its dissemination. To delimit the time frame, we selected the issues published between 1957 and 1963 in order to investigate how women were portrayed and understand their role in the federal capital of Brazil in the 60s.

Keywords: Brasília Magazine; women; representations; invisibility.

El papel de la mujer y sus representaciones: Revista Brasilia 1957 a 1963

Resumen. Esta investigación se centró en las representaciones de lo femenino transmitidas en la Revista Brasília, tanto en los textos como en las imágenes publicadas por ella. Sabemos que la construcción de la capital es narrada como un proceso heroico, de valientes y valientes candangos, sin embargo, a través de la revista podemos comprender cómo se dio el proceso

¹ O presente trabalho foi realizado com o apoio da Universidade de Brasília e da Fundação de Apoio à Pesquisa do Distrito Federal.

de invisibilización de las mujeres en el contexto de construcción y consolidación de la capital. Discutimos en este trabajo cuál fue el papel de la mujer en la revista objeto de estudio, haciendo un recorrido por las mujeres que estuvieron presentes en los artículos y fotografías publicadas en los años de su difusión. Para delimitar el marco temporal, seleccionamos los números publicados entre 1957 y 1963 con el fin de investigar cómo se retrataba a la mujer y comprender su papel en la capital federal de Brasil en la década de 1960.

Palabras clave: Revista Brasília; mujeres; representaciones; invisibilidad.

1. Introdução - a modernidade e invisibilidade das mulheres

A ideia da tomada de posse de uma terra virgem como marco de um ponto zero em uma cidade que se inicia, introduz uma série de outras posses que Brasília inaugura no planalto central. Essa narrativa precisava ser documentada, não só apenas como fins históricos, mas também como um meio de propaganda de um Brasil rumo à modernidade, ao avanço e à nova esperança de um futuro melhor. A necessidade de datar, documentar e visibilizar uma Brasília sendo construída, determina que a Companhia Urbanizadora da Nova Capital (Novacap) divulgue mensalmente os atos, contratos e serviços prestados durante uma época em que tudo estava por ser feito.

A primeira edição da Revista Brasília é publicada em 19 de setembro de 1957, dando início a uma série que resulta em 83 números, sendo publicadas mensalmente até agosto de 1960, logo após a inauguração da nova capital. Algumas edições seguintes são publicadas sem constância e resumidas em apenas um único volume ou apenas foram interrompidas, como durante o Golpe Militar de 1964. Sua breve retomada acontece entre 1965 e 1967, mas contendo apenas uma edição especial. Após essa longa pausa, as duas últimas edições foram publicadas em 1988.

Durante as publicações, Brasília é relatada sob um ponto de vista da agilidade e avanço com que as coisas eram feitas. Registros de reuniões, visitas, boletins, poesias e textos escritos por pessoas influentes da época exercem mais uma tomada de posse no veículo da informação distribuída gratuitamente para a população, a fim de não apenas exibir o que havia sendo construído, mas divulgar todo o processo de conquista de uma cidade que nascia. Esse meio de divulgação é um registro histórico das narrativas que mesclavam as ideias da cidade, mas também possuía um olhar enviesado do que de fato se queria mostrar.

Por trás de tantas fotos e aparições de homens brancos que determinavam as direções em que a cidade ia se encaminhando, há um trabalho muito maior e invisibilizado daqueles que de fato movimentavam esse crescimento de um novo centro urbano. Não se trata apenas dos homens operários que exerciam seus trabalhos árduos e de condições precárias, há também as esposas, mães, lavadeiras, cozinheiras, secretárias, engenheiras, freiras, professoras, prostitutas, etc. Possuíam seus trabalhos invisibilizados e de cuidado que transportava esse corpo social que prosseguia com ideias de transformações.

Esse trabalho invisibilizado é mais uma posse do que se tinha por ideia de avanço, uma comunidade que ia nascendo por trás de tantos retratos dos canteiros de obras e projetos da arquitetura e urbanismo, onde a necessidade atravessava o espaço em busca de melhor condição de vida, a crença de onde nascia o novo, permitiria uma manifestação de maior igualdade. A forma abstrata como o que era divulgada toda a criação da nova capital demonstra como se encaminhava o pensamento da época. Com o olhar mais aguçado

para os apagamentos, cabe questionar por um recorde de gênero, onde estavam as mulheres na Revista Brasília?

Em meio a um discurso de uma cidade que avançava com suas obras arquitetônicas que rememoravam as sinuosidades das curvas da mulher, a sexualização e erotização desses corpos imprimem o discurso patriarcal com que a capital foi se desenvolvendo. Cidade feita por e para homens. Esse território que ia se materializando se beneficiava de outros corpos explorados. Oculto ao que estava sendo impresso na revista, havia um protagonismo feminino na construção, a participação de trabalhos do cuidado e da manutenção para a cidade continuar em operação é de fundamental importância na história. As mulheres que chegavam eram apagadas de sua passagem, como se não houvesse a importância de sua marca na identidade do que nascia no centro do Brasil.

2. A revista

A mudança da capital do Brasil para o planalto central, faz parte de um projeto de modernização do país e carrega significados que vão além da fronteira espaço e tempo. Idealizada como projeto de integração nacional, Brasília foi documentada pela Revista Brasília a partir de 1957, ano em que se iniciou a sua construção. A historiografia começa a ser contada junto com o nascimento da cidade e divide opiniões acerca da mudança da capital do litoral, Rio de Janeiro, para o interior do país. Hoje, esse material é constituído por importantes documentos que revelam não só a memória dos homens que determinaram os rumos da nova cidade, mas também das mulheres, esposas, filhas, arquitetas, professoras, etc., que ali viveram. Tendo esses registros como pano de fundo, a Revista Brasília² fez-se importante nesta pesquisa na tentativa de localizar o corpo feminino em meio aos vestígios de uma história pouco contada, a das mulheres que estiveram presentes nos primeiros anos da nova capital.

A primeira edição da Revista Brasília foi publicada logo após instituído o art. 10 da Lei n.º 2.874, de 19 de setembro de 1956, que determinou a obrigatoriedade da Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil (NOVACAP) em divulgar mensalmente os atos administrativos da Diretoria e os contratos por ela celebrados. Ao todo, foram divulgados 83 números entre 1957 e 1988, publicadas mensalmente até agosto de 1960 - edição n.º 44 - logo após a inauguração de Brasília. As edições seguintes de 45 a 48, relacionadas aos meses de setembro a dezembro de 1960, foram reunidas em um único número, sendo interrompida a partir de 1962; ano durante o qual foram publicadas três edições, uma contendo os números 50 a 52, outra 53 a 64 e uma terceira 65 a 81. Com o Golpe Militar de 1964, a publicação da revista foi novamente suspensa e retomada entre 1965 e 1967, cada ano contendo um número especial, 65, 67 e 68. Após uma nova pausa, as duas últimas edições foram publicadas em 1988, os números 82 e 83.

Com a finalidade de documentar o surgimento e a consolidação de Brasília, a revista abastecia a opinião pública nacional e internacional de forma gratuita, e era destinada a assinantes que em sua maioria eram bibliotecas, universidades e colégios. Suas páginas contam os principais acontecimentos políticos, sociais

² A Revista Brasília foi um periódico publicado entre janeiro de 1957 e setembro de 1988. Criado pela Divisão de Divulgação da Novacap (Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil), tinha como objetivo documentar a construção da nova capital.

e culturais da nova cidade, com depoimentos de Juscelino Kubitschek, Oscar Niemeyer, Lucio Costa, Israel Pinheiro entre outros, importantes políticos, arquitetos, urbanistas e intelectuais do país. Nos artigos, a mudança da capital é acompanhada e defendida segundo seu contexto econômico e político através de um extenso arquivo fotográfico do cotidiano do canteiro de obras e dos detalhes da arquitetura e do urbanismo, incluindo o estabelecimento das primeiras escolas e dos primeiros eventos sociais nos anos 1960. Já na parte final, a seção do Boletim Informativo exigido pela lei, divulgava com mais detalhes o andamento das obras realizadas pela NOVACAP.

Considerando sua importância como primeiro veículo de comunicação da Nova Capital da República, o periódico foi escolhido como principal fonte desta pesquisa para tentar compreender de que forma eram retratadas as presenças femininas na cidade. Bem como, a relação destas com o espaço urbano que estava se construindo. Ao percorrer suas páginas, procuro indícios da presença ou ausência da imagem feminina, traçando assim uma análise de como as mulheres foram representadas ou de que forma elas foram invisibilizadas. As fotografias, poesias e citações de autoria feminina identificadas formam um importante acervo de investigação e interpretação, para questionar a ausência de narrativas sobre a contribuição das mulheres nos canteiros de obra, no ensino e nos demais ofícios.

Ao observá-las na revista, percebemos quatro estereótipos de mulheres delineados segundo os papéis que eram retratados, são elas: as damas da alta sociedade; as profissionais; as visitantes e as modelos. As primeiras, esposas e filhas dos principais representantes políticos da época, formam a maioria das mulheres representadas no periódico, suas imagens são frequentemente destacadas ao lado dos seus maridos nos principais eventos da cidade. As segundas, as mais difíceis de encontrar no periódico, formam as mulheres que ensinavam, projetavam e contribuíram na construção e consolidação de Brasília. Já as terceiras, mulheres comuns, artistas e intelectuais que vieram acompanhadas ou sozinhas para visitar os principais monumentos da nova capital. Estas são encontradas principalmente nos noticiários ao lado de suas principais impressões acerca de Brasília. E por fim, não menos importante, as modelos formam o quarto e último estereótipo, sua beleza e alegria estampam as últimas edições da Revista Brasília, e chamam a atenção dos leitores para o que a cidade tem de melhor “mulher bonita”.

3. As damas da alta sociedade: esposas e filhas

Nas primeiras edições elas aparecem acompanhando seus maridos, e como companheiras, foram retratadas como personagens secundárias ou totalmente invisibilizadas, não tendo seus nomes divulgados. São elas, em sua maioria, esposas de funcionários da NOVACAP, arquitetos, engenheiros, empresários, políticos, etc. Destacamos Coracy Pinheiro³, mencionada como senhora Israel Pinheiro nos primeiros noticiários publicados em março de 1957, acompanhando seu marido, Coracy foi uma das primeiras mulheres a visitar o sítio da nova capital junto a mais duas mulheres, Lydia Mendes Pimentel e Francisca Tamm Bias Fortes, respectivamente, esposas de Bernardo Sayão e do Bias Forte, ex-governador do Estado de Minas Gerais. Como podemos observar, a legenda da foto, destaca a condição de esposas, “[...] a foto abaixo

³ *Coracy Uchôa Pinheiro foi a primeira dama de Brasília, mulher do pioneiro Israel Pinheiro, primeiro prefeito da Capital. Israel Pinheiro foi um político brasileiro, autoridade responsável pela construção da cidade de Brasília, e seu primeiro administrador.*

fixa um aspecto dessa visita, vendo-se ao centro o governador de Minas e sua exma. esposa, bem como as exmas. senhoras Israel Pinheiro e Bernardo Sayão.” (Revista Brasília, Edição nº3 de 1957, pág. 02).



Figura 1. Esposas e maridos no Catetinho (Fonte: Revista Brasília, Edição nº3 de 1957, pág. 02).

Coracy Uchôa Pinheiro (1906-2013) nascida em Paracatu, Minas Gerais, casou-se com Israel Pinheiro aos 20 anos e participou da construção de Brasília ao lado de seu marido quando Juscelino Kubitschek (JK) o convidou para presidir a NOVACAP em 1956. Ela foi uma das primeiras moradoras do Catetinho, residência oficial do ex-presidente JK e dos diretores da companhia durante a construção. Sua trajetória como ‘primeira-dama’ é evidenciada na Revista Brasília, principalmente ao lado de seu marido, onde é vista conduzindo eventos públicos ao redor de candangos, enquanto Israel Pinheiro comandava as obras de construção da capital, Dona Coracy dedicava-se às demandas dos mais necessitados, providenciando remédios, atendimento médico e escolas para a população. Conhecida por ter realizado um longo trabalho no campo da assistência social, ela foi eleita em 1957 como presidente da Fundação das Pioneiras Sociais⁴, entidade que conduziu juntamente com Sarah Kubitschek em Brasília.

A Fundação das Pioneiras Sociais, foi fundada em 29 de agosto de 1956 pela ex-primeira-dama do Brasil Sarah Kubitschek, e reunia mulheres da alta sociedade com o propósito de ajudar as famílias que passavam por necessidades, oferecendo apoio em especial as crianças, mães e mulheres grávidas. A instituição filantrópica que resultou na Rede Sarah, participou das publicações da revista voltadas para a entrega de serviços médico-hospitalares

⁴ A Fundação das Pioneiras Sociais foi uma Instituição social idealizada pela ex-primeira-dama brasileira Sarah Kubitschek. Criada com o decreto nº 39.865 em 29 de agosto de 1956, era voltada para a realização de assistência médica e educacional.

e educacionais em Brasília, com destaque para a inauguração de um moderno hospital volante⁵ adequado para serviços médico-cirúrgicos, em 26 de outubro de 1957. A imagem abaixo acompanhou a lista dos presentes na cerimônia, onde as representantes da associação são mencionadas na legenda, entre elas: a embaixatriz Hardiom, da França; a Sra. Amélia Athayde, Sra. Hercília Pena e Costa; Sra. Regina Napoleão; Sra. Estes Pádua Lopes; Sra. Elsa Soares; Sra. Ilka Alves Sêco e a Srta. Rita Lobo. Outra iniciativa é evidenciada no noticiário da edição de 1958, que prevê a colaboração das voluntárias sociais em distribuir e estocar os materiais do programa de merenda escolar oferecido pela NOVACAP.



Figura 2. Inauguração do Hospital Volante das Pioneiras Sociais em Brasília (Fonte: Revista Brasília, Edição nº10 de 1957, pág. 11).

Engajada desde cedo em projetos filantrópicos, Sarah Kubitschek alcançou proeminência político-social, utilizando os discursos sociais para a melhoria das condições de saúde do brasileiro, contribuindo também para o governo e às políticas adotadas pelo governo de seu marido, o Presidente da República. As ações das Pioneiras Sociais se destacaram, especialmente, em razão da grande influência social e política que a família da primeira dama gozava no país. Na Revista Brasília, aparecem diversas inaugurações, é importante considerarmos a utilização da imagem de Sarah como instrumento para a valorização do capital político de JK (e até mesmo da primeira-dama que, por vezes, foi convidada a disputar cargos políticos). Assumindo um papel importante no periódico como propaganda de Brasília e do governo de seu marido, ela aparece no acervo fotográfico ao lado de seu marido e autoridades para inaugurar as principais obras de infraestrutura além de dar início às

⁵ Imagem do Hospital Volante, “O Hospital Volante das Pioneiras Sociais prestou relevantes serviços à população feminina” https://artsandculture.google.com/asset/o-hospital-volante-das-pioneiras-sociais-prestou-relevantes-servicos-a-populacao-feminina/_AEWa_P3QwovkQ

vendas de terreno na Exposição de Brasília em Lisboa em 26 de agosto de 1959, acompanhada de suas duas filhas, Maria Estela e Márcia Kubitschek.

As filhas ilustres de Juscelino Kubitschek, aparecem em outros momentos ao lado do pai e da mãe Sara Kubitschek, a exemplo dos registros feitos durante a visita do ex-presidente dos Estados Unidos, Dwight D. Eisenhower, em fevereiro de 1960. As imagens reforçam a popularidade que as duas filhas dispunham sobre as milhares de pessoas que as cercavam ao serem as únicas mulheres vistas ao lado do representante americano. O casamento da senhorita Maria Regina Uchôa Pinheiro, filha do Sr. Israel Pinheiro e da Sra. Coracy Pinheiro, também reforça o papel em que eram designadas as filhas na Revista Brasília. No registro fotográfico, a noiva aparece alegre ao lado de seu esposo, o Sr. Hindemburgo Chateaubriand Pereira Diniz. A cerimônia religiosa foi realizada em junho de 1958 na Capela de Nossa Senhora de Fátima, primeiro templo católico em Brasília erguida por iniciativa de D. Sara Kubitschek. O evento contou com a presença de um grande público e de diversas autoridades para testemunhar a união do casal, não só pela importância da noiva, mas também por se tratar do primeiro casamento realizado na igreja.

4. As profissionais: arquitetas, professoras e telefonistas

O primeiro número da revista Brasília de janeiro de 1957, conta com uma importante seção nomeada Arquitetura e Urbanismo da Nova Capital onde é retomada a lista dos mais de 60 arquitetos e urbanistas brasileiros inscritos no Concurso para o Plano Piloto, cujo edital foi publicado no diário oficial de 30 de setembro de 1956. Dentre os vários profissionais mencionados, como Lucio Costa e Rino Levi, Sônia Marlene de Paiva é a única mulher inscrita no concurso. Sua participação marcou a história da arquitetura e do urbanismo, por evidenciar os novos papéis conquistados por mulheres nas últimas décadas em áreas predominantemente masculinas. Ela representou uma pequena porcentagem de mulheres profissionais habilitadas, e que mesmo assim tiveram seus trabalhos atrelados aos seus parceiros. Essa prática ocorreu na Revista Brasília, na publicação do projeto do Centro Paroquial Santa Rita de Cássia, cuja autoria foi atribuída a S. M. de Paiva Cole dentre outros colaboradores, sendo aquela abreviação referente a arquiteta e urbanista Sonia Marlene de Paiva Cole.

A marcha da construção de Brasília foi outra seção onde se tem mais indícios das mulheres que vieram a trabalho para a capital, principalmente as professoras. Na mesma seção publicada em abril de 1957 temos as primeiras notícias a respeito da educação no Distrito Federal. Nela são mencionados os nomes de três professoras que conduziram as instituições de ensino na nova capital, entre elas a professora Anahir Pereira Costa, fundadora do Instituto Batista localizado na Cidade Livre, atual Núcleo Bandeirante, onde lecionou para 33 filhos de pioneiros. Outra instituição de ensino primário particular que se localizou no mesmo território, foi a Escola Bandeirante, de propriedade da professora Ana Vitória Cardoso Spotto, que dirigia a instituição juntamente com Dirani Arruda Campos, dando aula para 25 alunos.

Devido às condições precárias nessas e nas escolas provisórias espalhadas pela cidade, houve uma necessidade da construção de uma nova instituição de ensino para atender a chegada de mais famílias e melhorar as condições das salas e suas instalações. Para isso, o diretor administrativo Dr. Ernesto Silva iniciou a construção da primeira escola oficial do acampamento da NOVACAP,

autorizando os professores Mauro Costa Gomes e Amabile Andrade Gomes, que já haviam participado das escolas provisórias, a efetuarem novas matrículas. Nomeada inicialmente como Grupo Escolar 1 e posteriormente Escola Júlia Kubitschek, em homenagem à mãe do ex-presidente Juscelino Kubitschek, a nova escola foi projetada pelo arquiteto Oscar Niemeyer e construída em apenas 20 dias. A instituição foi inaugurada no dia 19 de outubro de 1957, também localizada na Cidade Livre atual Candangolândia, pelo Ministro da educação prof. Clóvis Salgado, em companhia dos diretores Israel Pinheiro e Ernesto Silva, respectivamente presidente e diretor na NOVACAP. Como podemos perceber na imagem, as mulheres professoras estão em segundo plano.



Figura 3. Professoras na inauguração da escola Grupo Escolar 1. (Fonte: Revista Brasília, Edição nº10 de 1957, pág. 9)

Além das professoras, é possível identificar na Revista Brasília em destaque a notícia de mulheres que trabalhavam com serviços direcionados a segurança e comunicações, na segunda edição de 1961, entre fevereiro e abril do mesmo ano, é mencionado no noticiário a futura presença de um corpo auxiliar de polícia feminina, nos moldes da que foi criada em São Paulo, tendo como responsável a comandante da P.F. Paulista, Hilda Macedo. Em conjunto com o coronel Jayme Sant, ambos foram convidados a formar uma brigada feminina na Capital, porém só ele é citado na publicação. Já nas notícias referentes às comunicações, telefonistas são fotografadas ao lado de modernas mesas telefônicas disponibilizadas pelo departamento de Telefones Urbanos e Interurbanos. Com o objetivo de melhor atender a comunicação entre Brasília e o resto do Brasil, “[...] Telefonistas foram submetidas a intenso treinamento, a fim de dar fiel cumprimento a grande tarefa de prover Brasília de comunicações rápidas e eficientes.” (Revista Brasília, Edição nº50-52 de 1961, pág. 43).



Figura 4. Telefonista. (Fonte: Revista Brasília, Edição nº53-64 de 1961-1962, pág. 30)

5. As visitantes: mulheres comuns, artistas e intelectuais

O primeiro número da revista Brasília de janeiro de 1957, conta com uma importante seção nomeada Arquitetura e Urbanismo da Nova Capital onde é retomada a lista dos mais de 60 arquitetos e urbanistas brasileiros inscritos no Concurso para o Plano Piloto, cujo edital foi publicado no diário oficial de 30 de setembro de 1956. Dentre os vários profissionais mencionados, como Lucio Costa e Rino Levi, Sônia Marlene de Paiva é a única mulher inscrita no concurso. Sua participação marcou a história da arquitetura e do urbanismo, por evidenciar os novos papéis conquistados por mulheres nas últimas décadas em áreas predominantemente masculinas. Ela representou uma pequena porcentagem de mulheres profissionais habilitadas, e que mesmo assim tiveram seus trabalhos atrelados aos seus parceiros. Essa prática ocorreu na Revista Brasília, na publicação do projeto do Centro Paroquial Santa Rita de Cássia, cuja autoria foi atribuída a S. M. de Paiva Cole dentre outros colaboradores, sendo aquela abreviação referente a arquiteta e urbanista Sonia Marlene de Paiva Cole.

A transferência da capital federal do Rio de Janeiro para Brasília não foi uma ideia aceita por todos, muitos brasileiros formaram uma frente de oposição às ideias de JK, criticando a monumentalidade do projeto e a impossibilidade de se terminar uma cidade em poucos anos. Para obter apoio popular e garantir uma imagem positiva do seu projeto, o ex-presidente Juscelino Kubistchek utilizou o uso sistemático da imprensa como veiculação publicitária do seu governo, restrita aos meios: revista, rádio e jornais. Uma vez criada a Revista Brasília o plano de JK se popularizou, graças ao depoimento dos primeiros visitantes da nova capital estampados nas páginas do periódico a ideia da

mudança finalmente se expandiu. A convite da Novacap, personagens internacionais e nacionais fizeram pouso em Brasília a fim de conhecer e comprar terrenos, em alguns momentos acompanhados de suas esposas. Mulheres de todos os lugares, famosas, artistas e intelectuais e até mulheres comuns fizeram parte da parcela de convidados a prestigiar o andamento das obras que ali evoluíram.

Dentre as mulheres comuns que vieram antes do início da construção de Brasília destacamos aqui os relatos de D. Clarinda de Moura. Sua história é divulgada na revista Brasília no noticiário de julho de 1958 onde encontramos depoimentos que descrevem como era a paisagem e o clima do planalto na época de sua visita. Considerada pelo periódico como a primeira mulher a pisar o solo de Brasília, D. Clarinda partiu de Uberaba em direção ao Planalto Central em maio de 1894 com sua filha Altair, de três anos, e seu marido, o capitão Hastínfilo de Moura, para iniciar a exploração e demarcação do sítio, já destinado a ser a futura capital do Brasil. Seu marido esteve antes na expedição de Luís Cruls, e estava pela segunda vez em viagem para consolidar os trabalhos que se iniciaram com a Comissão de Localização da nova capital. Aos 83 anos, D. Clarinda discorre sobre como foi se dirigir como a única mulher do grupo para o desconhecido:

“[...] nunca perigo algum rondou aquele punhado de aventureiros. Nem as doenças, nem as feras, nem mesmo os homens rudes que compunham a expedição” (Revista Brasília, Edição nº 19 de 1958, pág. 17).

Nos trechos que se seguem é relatado a angústia de quem a viu partir:

“[...] todos a aconselharam a não ir, mas o amor que dedicava ao marido e o senso de dever de esposa foram mais fortes.” (Revista Brasília, Edição nº 19 de 1958, pág. 17).

Os depoimentos de D. Clarinda marcam uma série de outros pelos quais a revista se apropriou e utilizou como forma de propagar a ideia mudancista ao público feminino. Esse fato também ocorreu durante a Primeira Missa de Brasília ocorrida em 3 de maio de 1957. A celebração estampa as páginas do número especial da quinta edição da revista com fotografias e trechos dos principais momentos do evento. Nas imagens é possível observar um número maior de mulheres, incluindo freiras, colegiais e indígenas. Mulheres bem vestidas são vistas chegando do aeroporto e dentro dos carros, muitas acompanhadas de homens. No tópico Personalidades Presentes, são citados os nomes de algumas das altas personalidades da vida política, religiosa, administrativa e cultural do país que estiveram no evento. Dentre eles, as únicas mulheres citadas são D. Teresa de Orleans e Bragança e a Condessa Pereira Carneiro. A seguir um trecho retirado da revista resume o acontecimento:

“[...] as estradas que dão acesso a Brasília foram completamente tomadas por densa romaria, por uma multidão de homens, mulheres e crianças do interior, ansiosos por ver de perto, com os próprios olhos, o nascimento de uma nova era da civilização nacional - uma legítima redescoberta do Brasil.” (Revista Brasília, Edição nº 4 de 1957, pág. 03)



Figura 5. Primeira Missa de Brasília. (Fonte: Revista Brasília, Edição nº5 de 1957, pág. 2-7)

De acordo com Vieira (2017), é notável que, em um evento religioso, a presença feminina tenha sido marcante e desejada pelos veículos oficiais de divulgação. É um forte indicativo de que a presença feminina nos eventos oficiais da construção era requisitada de maneira ritualística. Neste caso, mulheres de todas as regiões do país vieram para Brasília a convite de Sara Kubitschek e foram reunidas pelo fato de serem requeridas em eventos oficiais de visibilidade. Em outras ocasiões, como na I Reunião Científica e na inauguração da Exposição Permanente de Brasília, a presença feminina se confirma rodeada por vários homens em ternos. Elas se apresentam ao fundo, sentadas e discretas como um ponto de sutileza, preenchendo o espaço sem serem identificadas.



Figura 6. I Reunião Científica (Fonte: Revista Brasília, Edição nº7 de 1957, pág. 12).

Nos noticiários, podemos inferir que em sua maioria as convocações para visitar o andamento das obras em Brasília, feitas pelos membros da NOVACAP, eram feitas aos representantes internacionais. O primeiro registro deste fato encontra-se na edição de novembro de 1957, quando é comunicado a visita do prefeito de Nova Iorque, Sr. Robert Wagner e sua esposa, acompanhados do Embaixador dos Estados Unidos, Sr. Ellis O. Briggs e outras personalidades. O nome de Susan Edward, esposa do prefeito, não é mencionado nem mesmo os das demais mulheres que participaram da expedição. Posteriormente, o secretário americano Foster Dulles e sua esposa D. Janet Dulles também são recebidos para visitar o terreno doado para a embaixada americana.

Além desses personagens, famosas, artistas e intelectuais de outras regiões foram convidadas a testemunhar a construção da nova capital, entre elas, a Duquesa e a Princesa de Kent, condado situado no sudeste da Inglaterra, a Grã-Duquesa Josephine Charlotte de Luxemburgo localizado na Bélgica, e Margot Fonteyn Arias, considerada uma das melhores bailarinas inglesas de todos os tempos. Dando sequência aos convites, Juscelino Kubitschek promoveu em Brasília o Congresso Extraordinário dos Críticos de Arte de todo o mundo. Realizado em 18 de setembro de 1959, o evento contou com a presença das mais altas expressões da crítica internacional dos quais debateram as realizações do governo e das companhias particulares. Os depoimentos dos críticos de arte foram coletados por uma jornalista americana do New York Times, não identificada na publicação.

[...] «Sou por Brasília, sem restrições. Charlotte Perriand - Arquiteta da França.» (Revista Brasília, Edição nº 33 de 1959, pág. 04)

[...] «Tivemos a grande oportunidade, não de criticar Brasília, mas de viver a experiência de Brasília. Não somente para ver novos planos e formas surgirem, mas sentir o espírito do povo que construiu. Tornou-se um símbolo da coragem e da criatividade do homem». Carola Gideon Welker Crítico de Arte da Suíça.» (Revista Brasília, Edição nº 33 de 1959, pág. 06)

6. As modelos

O primeiro número da revista Brasília de janeiro de 1957, conta com uma importante seção nomeada Arquitetura e Urbanismo da Nova Capital onde é retomada a lista dos mais de 60 arquitetos e urbanistas brasileiros inscritos no Concurso para o Plano Piloto, cujo edital foi publicado no diário oficial de 30 de setembro de 1956. Dentre os vários profissionais mencionados, como Lucio Costa e Rino Levi, Sônia Marlene de Paiva é a única mulher inscrita no concurso. Sua participação marcou a história da arquitetura e do urbanismo, por evidenciar os novos papéis conquistados por mulheres nas últimas décadas em áreas predominantemente masculinas. Ela representou uma pequena porcentagem de mulheres profissionais habilitadas, e que mesmo assim tiveram seus trabalhos atrelados aos seus parceiros. Essa prática ocorreu na Revista Brasília, na publicação do projeto do Centro Paroquial Santa Rita de Cássia, cuja autoria foi atribuída a S. M. de Paiva Cole dentre outros colaboradores, sendo aquela abreviação referente a arquiteta e urbanista Sonia Marlene de Paiva Cole.

“[...] Seus clubes são suas salas de visita. Piscinas azuis, gramados verdes e macios, moças bonitas, lago ondulante, cruzado de lanchas e velas esportivas, como pontas de asas roçando as águas sonhadas por Dom Bosco, mas represadas por Juscelino...[...].”(Revista Brasília, Edição nº 65-81 de 1962-1963, pág. 35)



Figura 7. Páginas da Revista Brasília (Fonte: Revista Brasília, Edição nº65-81 de 1952-1963, pág. 35-36).

Nos artigos, os papéis de gênero associados à mulher não estavam só restritos à jovialidade e delicadeza. Na Página Feminina, publicada na edição de 1961 e 1962, uma das três poesias escritas por uma autora identificada como Jane relaciona a mulher com as flores da cidade. Intitulada Cor Local, o texto indica a necessidade do encontro “mulher-natureza” principalmente nos espaços urbanos. A autora associa esse fato ao programa urbanístico de Brasília, uma vez que ele propõe jardins públicos e particulares em frente a cada residência e dá como exemplo a foto de uma mulher ao lado de uma bela flor. A flor é apontada como símbolo de bem estar e do cuidado doméstico, e seu encantamento natural é comparado ao da mulher através do trecho de uma canção “[...] “A flor também é uma mulher” ... Feminina, inspiradora, ornamental, suavizante. [...]” (Revista Brasília, Edição nº 53-64 de 1961-1962, pág. 60).



Figura 8. Páginas da Revista Brasília (Fonte: Revista Brasília, Edição nº65-81 de 1952-1963, pág. 35-36).

Em Conquista de Posição, última poesia da Página Feminina, a autora descreve sobre a vestimenta e o trabalho da mulher moderna, com suas palavras, ela reflete sobre as mudanças que ocorreram na vida das mulheres e discorre sobre os descréditos que lhe foram impostos nos últimos séculos. As

principais mudanças se aplicam as roupas, estas se adaptaram e foram simplificadas para melhor atender aos deslocamentos diários das mulheres, sem que elas perdessem sua elegância. Na publicação, duas modelos são fotografadas desfilando para o público feminino no desfile de modas realizado na pérgula do Hotel Nacional de Brasília. Posteriormente, a autora faz uma crítica a condição intelectual que Schopenhauer atribuiu às mulheres, ou seja, a incapacidade das mulheres em desenvolver-se sozinhas. Ela lembra que por muito tempo a mulher desempenhou o papel de professora, advogada, administradora, médica entre outras funções, sem que tivesse especialização. Naqueles tempos, a mulher passou a estar mais integrada na sociedade e a cumprir seu trabalho na hora em que lhe fosse exigida a profissão.

“[...] Simplificou-se o vestuário feminino para as novas atividades. Aquelas saias balão, compridas até os pés, que enfeitavam e atrofiavam a mulher ‘incapaz intelectualmente’ [...] Como pensavam os homens antes de aceitar a mulher no trabalho, e como pensam hoje? A princípio, experimentando-lhe o talento, um pouco desconfiados, não custou muito a reconhecerem-lhe as possibilidades. Permanecem, até hoje muito pouco abstraídos da presença do sexo oposto.” (Revista Brasília, Edição nº 53-64 de 1961-1962, pág. 60-61)

A arquitetura moderna de Brasília serviu em muitas ocasiões como pano de fundo para capturar a imagem da “mulher bonita”. Na edição 61-85 do periódico a reportagem Mulher bonita... tem em Brasília ilustra bem a tentativa da revista de enaltecer as belezas da cidade com a figura feminina. Na primeira fotografia, três modelos estão posicionadas em frente ao Palácio da Alvorada, todas sorridentes e bem vestidas. Já na segunda, uma única mulher enaltece com seu sorriso descontraído a beleza das cores e formas das flores de algum lugar da cidade. Em toda sua extensão, o texto tem um caráter sexista de descrever a mulher, ele evidencia somente os “rostinhos encantadores, corpinhos esculturais, capazes de seduzir capas de revistas européias”. No trecho, é possível identificar a intenção da publicação de destacar “o sorriso descontraído da mulher bonita que tem nas paisagens de Brasília sua melhor passarela”. (Revista Brasília, Edição nº 53-64 de 1961-1962, pág. 60-61)

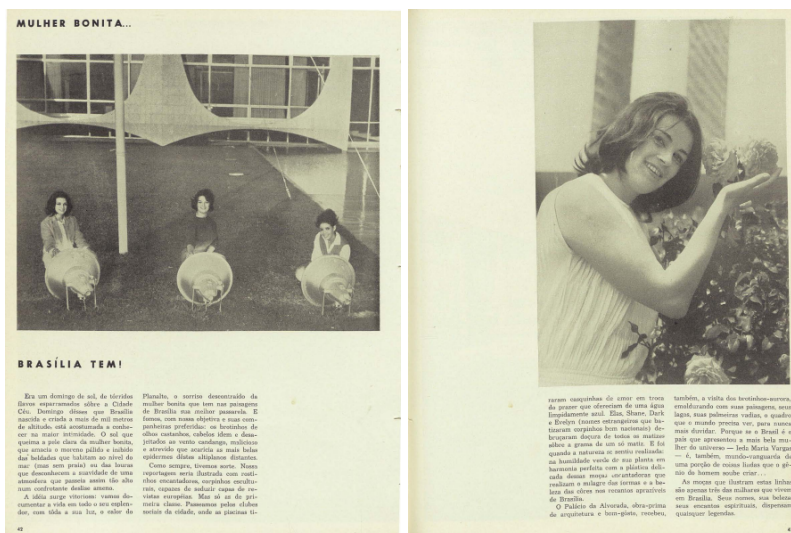


Figura 8. Páginas da Revista Brasília (Fonte: Revista Brasília, Edição nº65-81 de 1952-1963, pág. 42-43).

7. Considerações finais

Por se tratar de um periódico dirigido e escrito majoritariamente por homens, foi necessário se atentar para a construção dos papéis de gênero dentro de uma revista com protagonismo predominantemente masculino. Em contraponto a forma como a figura masculina é representada; homem ativo e trabalhador nas obras, a figura feminina aparece atrelada a um papel secundário na historiografia da construção de Brasília. Elas aparecem com menos frequência que os homens e quando presentes nas publicações são relacionadas aos seus maridos ou mesmo invisibilizadas, não tendo seus nomes identificados. Prevelem no periódico as representações sociais tradicionais - mãe, filha e esposa. A maternidade, jovialidade e delicadeza formam alguns dos aspectos principais relacionados ao corpo feminino e demonstram como o veículo de informação idealizava a mulher moderna.

Na primeira aparição, as mulheres são tratadas como acompanhantes, ou seja, elas assumem e transmitem o papel desta consolidação dos valores de moralidade e da família tradicional. São esposas e filhas de homens influentes que vieram visitar, trabalhar em Brasília. Geralmente são retratadas em plano de fundo, normalmente em registros de acontecimentos marcantes. Seus nomes costumam ser substituídos por esposa de, filha de e, sempre precedidos pelos sobrenomes de seus maridos ou pais. Outra categoria importante, são as mulheres tratadas como estrelas, ou seja, aquelas que possuíam um certo destaque, beldades e famosas nacionais e internacionais. Eram aquelas que não se pode ignorar, pois usavam sua imagem para enaltecer a transformação e modernidade que Brasília significava na vida dos brasileiros.

Por outro lado, as mulheres comuns são as que garantem o movimento gradual da cidade, como professoras, secretárias, telefonistas, etc. Mulheres que em sua autonomia profissional tinham participação na construção da cidade, mas sua contribuição era invisibilizada, escondida por homens. No periódico, são pouquíssimos os registros que mostram de fato essas mulheres atuando em suas profissões. Elas romperam com muitos preconceitos, e aceitaram o desafio de vir para a Brasília em construção. Elas habitavam a cidade, praticam o trabalho, o cuidado da família, delas não se sabe ao certo o nome e pouco das suas contribuições, porém, elas existem e são testemunhas da história.

Oculto ao que estava sendo divulgado, havia protagonismo feminino na construção e pouco foi relatado sobre a participação das mulheres em trabalhos sociais e de operação da cidade. Na revista, ela não participa ativamente da construção de Brasília, mas, no entanto, compõe registros dos principais eventos, deixando seu depoimento acerca da nova capital, em um processo de objetificação da presença feminina. Assim, o papel das mulheres na Revista Brasília foi a de promover a ideia de progresso junto à construção da nova capital sendo designado a elas apenas o papel figurativo nos eventos de promoção da cidade. Por tanto, esta pesquisa busca conferir visibilidade pública à presença das mulheres nessa história, preservando a memória da cidade e contribuindo para a retirada da invisibilidade de suas atuações na memória da cidade.

8. Referências

Carta enviada pelo Patrono do late Clube de Brasília, Presidente Juscelino Kubitschek, ao Comodoro Onísio Ludovico de Almeida. Rio de Janeiro, 21 de março de 1975.

VIEIRA, Denise Sales. **Corpo feminino e modernidade na construção de Brasília: uma leitura a partir do cinema**. 2017. 191 f., il. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo)—Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

- _ Revista Brasília, Edição nº3 de 1957, pág. 02.
- _ Revista Brasília, Edição nº 4 de 1957, pág. 03
- _ Revista Brasília, Edição nº19 de 1958, pág. 17.
- _ Revista Brasília, Edição nº18 de 1958, pág. 20.
- _ Revista Brasília, Edição nº33 de 1960, p. 04.
- _ Revista Brasília, Edição nº33 de 1960, p. 06.
- _ Revista Brasília, Edição nº50-52 de 1961, pág. 43.
- _ Revista Brasília, Edição nº53-64 de 1961-1962, pág. 60.
- _ Revista Brasília, Edição nº53-64 de 1961-1962, pág. 60 e 61.
- _ Revista Brasília, Edição nº65-81 de 1962-1963, pág. 35.